



## Questões de Adaptação

Teresa Albuquerque

### Questão prévia – a palavra nómada

O desafio das discussões interdisciplinares, das equipas multidisciplinares e mesmo das equipas *tout court*, prende-se muitas vezes com o uso da linguagem. Por esse motivo as palavras não devem ser tidas como um facto adquirido. As mesmas palavras, em contextos diferentes podem ter sentidos diferentes, e elas podem também ter acepções diferentes consoante o *background* de quem as pronuncia e de quem as escuta. Por outro lado há palavras que descontextualizadas iluminam sentidos novos e abordagens diferentes noutros campos semânticos e o exercício de as fazer transitar entre diferentes áreas do conhecimento é uma base necessária para se estabelecerem pontes entre as disciplinas.

A proposta que faço neste percurso por algumas – e nada exaustivas – questões de adaptação é o de acompanhar, a partir das discussões e dos textos produzidos pela primeira promoção Mateus DOC<sup>1</sup>, a migração de uma palavra : a “adaptação” – uma palavra que pode significar teorias, sistemas, técnicas ou simples ideias do senso comum – por alguns dos territórios em que ela se move.

### 1 - “Ser ou não ser”

Entre os mais antigos documentos escritos que se conhecem um dos mais interessantes é talvez “O dialogo do desesperado com a sua morte”<sup>2</sup>. Neste poema do antigo Egipto, de ca de 2000 a. C., um homem, cansado da sua vida e da sociedade que o rodeia, convoca uma das suas almas : o seu "Bâ" – que se representa sob a forma de um pássaro com cabeça humana - para discutir sobre a sua morte. O poema desenvolve-se numa longa e pungente litania em que o autor faz a recensão de todas as boas razões que, segundo ele, o deveriam autorizar a suicidar-se.

Sem dúvida um caso de inadaptação, ou pelo menos de desassossego...

---

<sup>1</sup> O Mateus DOC é um programa para jovens investigadores de todas as áreas científicas lançado em 2010 pelo Instituto Internacional Casa de Mateus (<http://iicm.pt>).

<sup>2</sup> “Diálogo do desesperado com a sua morte”, Faulkner, R.O. : "The Man who was tired of Life", in : Journal for Egyptian Archeology, n°42, 1956, pp.22-26.referências na internet : <http://www.sofiatopia.org/maat/faulkner.htm> e <http://www.sofiatopia.org/maat/ba.htm>

Muitos autores desenvolveram e desenvolvem a temática da angústia existencial que parece levantar ecos de forma mais ou menos universal em todos os humanos. No século XX, a obra de Samuel Beckett é exemplar na forma de captar as perplexidades insanáveis do homem perante si próprio e perante o seu próximo. Num quadro apocalíptico de pós-guerra nuclear retrata farrapos de humanidade que deambulam, num deserto desolador, subjugados pela impotência intrínseca de quebrar os círculos viciosos que fatalmente conduzem ao vazio ou à destruição. Muito antes dele, mais de 500 a.C., no berço da civilização ocidental, onde se gerou a matriz filosófica, política e cultural europeia, o teatro grego antecipa o estoicismo na observação da condição humana, que retrata magistralmente, trazendo também para o espaço público a reflexão sobre o Homem e a sociedade.

O que as obras referidas nos podem dizer é que existe uma *inadaptação* de base, ontológica, inerente ao Homem – ou pelo menos àquele da civilização ocidental – que tende a fechar o seu campo de acção em esquemas repetitivos mais ou menos psicóticos, mais ou menos destrutivos<sup>3</sup>. Mas sugerem-nos também que estes esquemas são desvios a uma outra ordem possível das coisas, mais propícia ao bem geral e individual.

Hoje, a Grécia está no olho do furacão da crise e simboliza para muitos o declínio da civilização ocidental<sup>4</sup>, ou pelo menos do velho mundo. De facto, em termos civilizacionais deslizámos progressivamente para uma sociedade do espectáculo tragicamente oca de conteúdos e de valores.

Mais um sinal de fim ciclo que desafia o próprio conceito de civilização ocidental e obriga a uma redefinição do bem geral e individual. Um desafio explícito à nossa capacidade colectiva e individual de adaptação.

## **2 Adaptação do meio vs adaptação ao meio**

Em relação aos nossos tios e avôs Neandertais<sup>5</sup>, estamos hoje, como espécie, muito menos “adaptados” à sobrevivência num meio não artificial. O domínio do planeta pelo homem não se fez por adaptação ao meio mas por imposição, dominação e proliferação demográfica. Ou se preferirmos, através de uma forma de adaptação pró-ativa que consiste em transformar o meio para se conformar a ele. Aquilo que afinal fazem muitas espécies, o problema da nossa é a ausência de limites, quer auto-impostos quer de outro tipo.

Poderá deduzir-se que o homem se libertou dos constrangimentos das leis da natureza, ou pelo menos de muitas delas visto que foi a capacidade de criar ambientes artificiais

---

<sup>3</sup> Não se pretende sugerir que toda a história da literatura e da filosofia ocidental se resume ou está na origem de um problema de “adaptação”. Apenas que essa palavra pode ser associada a uma perspectiva ontológica da história da humanidade. Sendo que, propósito aqui, é sobretudo o de (mal)tratar a palavra como um instrumento, como um dado ou pedaço de código que ganha sentidos diferentes consoante o programa em que é inserido e os outros dados com que combina.

<sup>4</sup> “Can Europe be saved?” Paul Krugman, NY Times, 12/01/2011

<sup>5</sup> “Cousins under the skin” Editorial, NY Times, 20/01/2011

(por oposição a naturais) que determinou a expansão da espécie. No entanto o Homem é capaz de viver em meios naturais sem entrar em conflito com eles. Existem comunidades (pequenas mas de uma resistência surpreendente) em diversos continentes que o demonstram. A expansão da espécie através da transformação do planeta não é forçosamente a única solução para a sua sobrevivência numa perspectiva biológica.

Entretanto, através da criação de ambientes artificiais, a espécie proliferou com um vigor e uma rapidez impressionantes apropriando-se virtualmente de todos os recursos existentes sem grandes contempções. O processo teve e continua a ter consequências irreversíveis no meio natural e parece estar hoje abertamente em conflito com esse meio. De facto o Homem civilizado tende a comportar-se como uma planta infestante ou um vírus ou bactéria mortal que, sem considerações para com o seu próprio interesse, asfixia e destrói o hospedeiro de quem no entanto depende absolutamente. São táticas de curto prazo que não parecem decorrer de um processo de evolução resultado de uma adaptação (se considerarmos que prudência e ponderação são adjetivos que poderiam bem servir esta palavra) ao meio envolvente.

Na sua relação com o meio natural parece difícil falar de “adaptação” por parte do Homem. Enquanto a nossa espécie prolifera mais ou menos alegremente, são as outras espécies, animais ou vegetais, que ficam sujeitas a um stress evolutivo muitas vezes fatal.

### **3 Fuga para a frente**

A colonização da terra pelo homem exerce uma pressão sobre o planeta que o transforma radicalmente a uma velocidade que não é a velocidade “natural”.

Por um lado o sistema natural está globalmente submetido a uma lógica de repetição, a terra gira sobre si própria e à volta do Sol – os dias repetem-se, as estações, os ciclos reprodutivos das espécies vegetais e animais.... – as mudanças são – salvo raras exceções (queda de meteorito, terramoto devastador, irrupção de um vulcão, praga...) –, praticamente imperceptíveis. Não é um sistema errático e na sua forma própria de se auto-organizar tende para um equilíbrio propício à diversidade das espécies e ao aumento progressivo dessa diversidade. É um sistema que se define no longo prazo, muito longo prazo, se o olharmos à escala humana. Mas é um sistema que só faz realmente sentido a um nível macroscópico, perspectiva a partir da qual se torna visível o seu delicado equilíbrio e capacidade de auto-regulação. Ao nível micro as leis da natureza são vistas como violentas, arbitrárias e sobretudo muitíssimo arriscadas para o gosto dos humanos.

Foi preciso por isso construir realidades alternativas, contrariar as leis da natureza, ignorar os ciclos e as repetições, forçar as mudanças e os equilíbrios. Graças à sua capacidade de organização e de domínio da natureza o Homem consegue subtrair-se à “lei da selva”, e eliminar progressivamente, e para um número cada vez maior de humanos, os riscos que podem afectar cada indivíduo. O resultado hoje são 6,7 bilhões de indivíduos.

Se os recursos têm sido progressivamente esticados (a terra chega hoje para alimentar muito mais gente do que no passado e há hoje proporcionalmente menos gente em risco de fome) é de bom senso antecipar que mesmo assim existem limites.

Num sistema assente em equilíbrios, a redução de riscos para uma espécie conduz fatalmente a um aumento de riscos para as outras. O resultado é uma diminuição da biodiversidade e mudanças, desta vez perceptíveis, no sistema natural.

O desaparecimento de muitas espécies terá consequências imprevisíveis.

A energia barata através da exploração dos combustíveis fósseis produz poluição que causa alterações climáticas cujas consequências são previsivelmente a transformação da Terra num lugar cada vez mais hostil. O mesmo se pode dizer da utilização generalizada de antibióticos e talvez até da manipulação genética das culturas alimentares. O habitat artificial que se revelou tão protetor até agora está ameaçado pela proliferação da espécie e por entrar em conflito com as forças próprias do planeta.

A aversão ao risco conduz afinal a uma multiplicação descontrolada dos riscos.

Ou será antes a atração pelo risco e confiança cega na capacidade de superação de qualquer obstáculo que está subjacente ao comportamento aparentemente kamikaze das sociedades civilizadas? Seja como for o problema agora é saber como garantir que o ecossistema continue a conseguir “adaptar-se” ao Homem; ou que este consiga encontrar uma forma de se adaptar sem continuar a ferir o ecossistema passando de vírus perigoso a *simples* – ou mesmo *virtuoso* – parasita.

#### **4 Seleção Natural?**

Correndo o risco de fazer uma redução simplista podemos considerar que a teoria da seleção natural se baseia numa ideia de adaptação virtuosa das espécies ao meio. Com efeito supõe-se que os mais aptos se vão sobrepondo aos menos aptos e por conseguinte, através de um mecanismo de seleção natural (no meio natural os mais aptos reproduzem-se mais) as espécies tendem para melhorar a sua capacidade de resposta ao ambiente com o qual interagem e transmitir essa melhoria genética às gerações seguintes.

Mas que dizer de uma espécie que inventa o seu meio ambiente e se protege a tal ponto que não precisa de seleção nenhuma. Todos podem sobreviver, todos se podem reproduzir, e não forçosamente os que melhor se “adaptam” ao meio. Esta realidade tem seguramente um impacto na evolução dessa espécie, desde logo ideológico, na forma como ela se pode ver a si própria : subtraindo-se às leis naturais que impendem sobre as outras espécies, esta pode acreditar que a natureza está ao seu serviço. Em contrapartida a faculdade de racionalidade que a distingue também comporta uma responsabilidade – precisamente aquela que justifica que se todos podem sobreviver então todos devem sobreviver. Este tornou-se um fim em si, o da adaptação do homem às suas capacidades

de proliferar, a consolidação de um instinto cada vez mais gregário<sup>6</sup>. Só que em 2010 segundo a WWF já eram precisos dois planetas Terra para alimentar e absorver o impacto das atividades humanas. Os “paradigmas” vão ter de se adaptar a uma realidade cada vez mais difícil de ignorar. Talvez uma nova revolução copernicana que ponha desta vez o homem a girar à volta da terra para que se possa atingir um equilíbrio planetário com uma população que se imagina irá estabilizar à roda de 9 bilhões<sup>7</sup> entre 2050 e 2060.

No entanto, por mais ameaças que se levantem no horizonte do planeta, tudo parece possível para um ser incrivelmente plástico como o homem. Não redutível a qualquer determinismo genético nem condicionado pelo meio ambiente, tudo se pode inventar. Tudo se pode inventar?

## **5 Natura vs Cultura**

Para um ser que a nível individual tem dificuldades físicas e psíquicas de adaptação ao meio natural bem como às sociedades que constrói, a nível colectivo as colónias humanas têm recursos e forças incalculáveis.

A inquietação ontológica, somada à capacidade de ultrapassar e de ignorar as contingências naturais, levaram o Homem a estender as suas capacidades de uma forma que parece ilimitada.

O homem não passa a ver como a águia mas inventa óculos, binóculos, telescópios, infravermelhos ou raio X. Não passa a correr como o leopardo mas anda de bicicleta, fórmula 1 ou foguetão. Não passa a ter memória de elefante mas armazena os seus dados em discos externos e outros suportes.

As capacidades técnicas resultam no aumento exponencial da visão, da escuta, da memória, da força, da precisão; do controle da temperatura, da humidade, da poluição, da protecção contra as alterações climáticas, contra a penúria, a doença e na capacidade acrescida de criar mundos artificiais, bolhas cada vez mais resistentes e até a possibilidade de vida humana fora do planeta.

O contraste entre a inadaptação de base e a capacidade de esticar através da técnica as suas habilidades é seguramente uma das causas das grandes perplexidades que atingem o ser humano.

A velocidade com se aprende a tirar partido e a agir sobre o meio tem sido muito maior do que a do meio ambiente a se transformar em relação a isso (só que o meio está a ganhar balanço e a relação pode inverter-se).

Os benefícios simples e directos da acção racional, mesmo se e quando essa acção assenta em desequilíbrios graves para o meio, são óbvios para a espécie. Quanto menor a exposição ao meio natural maior as hipóteses de sobrevivência, a capacidade de organização em meio urbano – se se tomarem as precauções necessárias, para as quais se

---

<sup>6</sup> The Telegraph – China News “China plans city of 42m people” e “The world largest cities” 24/01/2011

<sup>7</sup> “Démographie mondiale : la croissance ralentit”, Le Monde, 27/01/2011

está sempre a trabalhar – é um escudo contra o lado aleatório da natureza. É aí que se podem concentrar os saberes e as técnicas que potencialmente resolvem qualquer pequeno problema individual, qualquer grande catástrofe colectiva. Logo a concentração nas cidades continua. O medo das bactérias descontroladas, do extremar das condições meteorológicas, da escassez de recursos alimentares e energéticos é compensado pela miragem do domínio absoluto da vida e a ideia de que, em sociedade, se podem criar condições absolutamente artificiais capazes *in fine* de cumprir uma utopia. Aí, o bem social, colectivo, desligado da necessidade ou da contingência, pode desenvolver-se sem se sujeitar a uma dialéctica de adaptação ao meio que pelo seu lado aleatório e selvagem não é compatível com os ideais de justiça, igualdade e segurança que garantem uma vida boa para o maior número possível.

Será este um mito ou um modelo mental necessário para a vida colectiva? A realidade da teoria social é tão mutante e relativa como tudo o resto no planeta. Mesmo os edifícios intelectuais integralmente abstractos se constroem e desconstroem em permanência a não ser que morram. E mesmo que morram. O seu comportamento deriva de interações complexas, incessantes, das quais emergem em permanência novos elementos que por sua vez interagem com os pré-existentes num movimento que não é claro que tenha fim, mas que tem uma dinâmica própria. Tal como as dinâmicas que se estabelecem tacitamente em qualquer situação social, ou numa matilha de lobos, num formigueiro ou numa colmeia.

De facto há muita coisa que escapa a qualquer veleidade de controle.

O que é que faz com que uma parte reduzida da população seja por exemplo curiosa ? (E a curiosidade é até mensurável – determinada? – geneticamente e isso nem é forçosamente hereditário (pode ser resultado de uma recombinação de genes não existentes, nessa ordem, nos progenitores) e tem paralelismos noutras espécies. O que é que faz com que, tal como num formigueiro, as pessoas se organizem tacitamente em função das necessidades finais da colónia e que tacitamente exista aí um equilíbrio que se auto-organiza? Porque é que não haveríamos todos de querer ser enfermeiras? Porque que há sempre alguém que quer ser polícia? Porque é que há tanta gente que prefere ser escrava e uns poucos que são naturalmente líderes? O que é que faz que automaticamente em qualquer grupo há pessoas que lideram, que aconselham, que obedecem, que desafiam?

Da mesma forma talvez como num formigueiro se organiza a função social de cada elemento, rainha, guerreiros, construtores, transportadores, armazenadores de comida, educadores de infância; haverá uma espécie de pensamento colectivo orgânico ?

Na organização das comunidades humanas qual é a influência das teorias nesta infra-organização invisível mas poderosa? Pensar-se *a posteriori* ou realmente produzir organização social? Qual o papel dos sistemas políticos e qual a sua real margem de manobra? Aquilo a que chamamos razão, não será apenas uma desculpa para um jogo de forças cujas motivações são fundamentalmente irracionais no jogo permanente entre a adaptação e a atração pelo abismo? E o próprio pensamento?

O pensamento existe fora da percepção, fora dos sentidos? O que pensa mais? A pele, os fluidos, as ligações sinápticas?

Se a cultura é a nossa natureza, natura e cultura estão em nós intimamente entrelaçadas. O resultado desse entrelaço interage de forma mutante e dinâmica com as ideias e as sensações que por sua vez o vão produzindo e se relacionam com o que foi e pode vir a ser.

A construção social da realidade faz parte da especificidade cultural da espécie e o uso da razão é mais do que um exercício necessário. Mas seus princípios, os seus fins e os seus resultados parecem tão aleatórios como o que se pode passar na natureza: oscilam entre o “acaso e a complexidade”<sup>8</sup>.

A história do homem é curta à escala do planeta.

No homem não há seleção natural de um ponto de vista darwiniano, aquilo que orienta a sua evolução de animal racional parece ser muito mais a preservação da diversidade da espécie, com a proteção quase sistemática dos mais fracos, daqueles que uma seleção natural deixaria cruelmente para trás. Esta é uma linha de força cada vez mais desafiante se considerarmos que em breve seremos 9 bilhões. Mas é um mito pensar que há um momento a partir do qual as coisas podem estabilizar.

## **6 As palavras e a química**

E as palavras no meio de tudo isto? Se no princípio era o verbo sem elas não teríamos aqui chegado. Nelas se adensa um pouco mais a relação com o Mundo. Elas, que não são o Mundo, que são “i-mundas”, são um véu mais ou menos transparente, mais ou menos opaco entre o conjunto das realidades que se cruzam em cada um de nós.

As palavras conduzem-nos a territórios – descampados semânticos – contraditórios e difíceis de discernir. A adaptação sugere adaptação “a” – uma palavra conduzida por um fim. Confunde-se também evolução com adaptação, e ambas com uma simples forma de subsistir num contexto que não é estático. E “subsistir” – existir “sub”-“sobre”? Um exercício involuntário de interação entre partículas das mais ínfimas às mais complexas organizações celulares.

Assim a adaptação pode ser vista como uma coisa inevitável que se faz e que acontece apesar de nós. Como um movimento voluntarista e dominador que nos caracteriza como espécie, mas também como a capacidade de não levantar ondas e de nos deixarmos levar pelas correntes dominantes. Tudo coisas que têm aspectos contraditórios mas que também se somam entre si. Apesar deste carácter à partida vago e impreciso das palavras a comunicação mantém-se apesar tudo porque a linguagem é uma “arte social”, como o demonstra Quine, mesmo se : “Sob a uniformidade de superfície que nos une uns aos outros na comunicação, reina a diversidade caótica das conexões que diferem em cada um nós. Para cada um nós, aliás, essas conexões continuam a evoluir. Não há dois

---

<sup>8</sup> Henri Atlan, “Le vivant post-génomique”, Paris 2011 – referência à obra de Jacques Monod “Le Hasard et la Nécessité” de 1970.

indivíduos que aprendam a linguagem da mesma forma, e ninguém acaba de a aprender enquanto está vivo.”<sup>9</sup>.

Trata-se então de multiplicar e consolidar as conexões que sustentam o “arco”<sup>10</sup> que cada palavra representa em nós. Representações abstractas que remetem para estímulos sensoriais e conceptualizações passadas (ou vice-versa) e se organizam em arcabouços teóricos muito úteis para a vida em sociedade e indispensáveis ao trabalho científico, considerando, esquematicamente, que quanto maior o número de conexões, maior a capacidade de comunicação e compreensão.

Retomando a metáfora de Neurath evocada por Gonçalo Almeida Ribeiro (p. 86) e que Quine foi o primeiro a comentar : “O filósofo e o homem de ciência estão no mesmo barco. [...] O nosso barco mantém-se à tona porque cada alteração que lhe fazemos o conserva em grande parte intacto e operacional.”<sup>11</sup>. O que ilustra o nosso lugar forçosamente intermédio entre a tradição e a projecção que se nos assemelha ser o presente, entre o genótipo e o fenótipo, entre pulsões contraditórias e não forçosamente conscientes.

Manter-se à tona nesse lugar intermédio, na linha ténue em que se respira, é o desafio quotidiano que condiciona a ginástica “adaptativa” das organizações celulares determinadas por impulsos químicos que pululam no planeta.

---

<sup>9</sup> in “Le Mot et la Chose” de Willard van Orman Quine, Ed. Flammarion, Paris 1977, p. 41 – tradução minha a partir do francês.

<sup>10</sup> Aqui no sentido de abóbada : “Numa abóbada, cada tijolo é suportado imediatamente por outros tijolos e finalmente por todos os outros tijolos mas por nenhum em particular: o mesmo acontece com as frases”. *Idem* p. 38. tradução minha a partir do francês.

<sup>11</sup> *Idem* p. 28 e 29